

Fig. 1: Poty Lazzarotto, sem título, sem data, nanquim sobre papel, 15,1 x 22,8 cm. Reprodução: Juliano Sandrini.



ARTIGO

A BACCHANALIA DE POTY

Poty valeu-se da liberdade crua e real da arte contemporânea para trazer a perversão da prática libidinosa das antigas bacanais...

SANDRA DAIGE ANTUNES CORRÊA HITNER
COLABORAÇÃO DE
MARIA CÉLIA NOBRE E MARÍLIA BRAIDA
ABCA/SÃO PAULO

O que os olhos vêem e os ouvidos ouvem, a mente acredita, dizia o ilusionista Harry Houdini (1874-1926).

Poty ampliou o olhar desse homem em um enorme par de óculos e o retratou para o mundo. Mostrou na lente da esquerda dos óculos alguém, sentado em uma cadeira, que parece organizar um evento sexual: no chão, à sua frente, ocorre o entrelaçamento de um homem ajoelhado sobre uma mulher. Parece que há fila de espera para o desfrute da ação. Na lente do lado direito, um homem nu em frente a uma mulher nua, em processo de entendimento. Haveria outras combinações no mesmo ambiente escuro?

Poty valeu-se da liberdade crua e real da arte contemporânea para trazer a perversão da prática libidinosa das antigas bacanais para uma mente que é capaz de espelhar o mundo a partir de ótica comprometida com a luxúria, totalmente sem sutilezas.

Tito Lívio, o historiador do século I d.C., define as bacanais como ritos que respondiam pelas mais grotescas vulgaridades, onde também

ocorriam outros tipos de crimes e conspirações políticas, sobretudo nas suas sessões noturnas.

No caso das obras primas mencionadas pela Historiografia da Arte, este tipo de cena varia de acordo com a interpretação: cada artista a seu modo se interessava por esse tipo de ritual registrado pela mitologia Greco Romana em homenagem a Baco (Dionísio), deus do vinho. Fontes antigas descrevem que os partidários deste deus (bacantes), no seu delírio, cometiam toda sorte de excesso selvagem e desregrado. Por esta razão, o histórico destas imagens traz depoimentos diferentes sobre esse culto: agressivas ou academicamente subliminares, mas sempre inspiradas pelas tendências da arte da época.

As cenas de Poty retratam o universo sem elegância deste homem pouco rebuscado que só consegue produzir tal tipo de mundo. A grã-finagem passou longe deste ser, longe da sua aparência, longe de seu autêntico eu.

Os olhos, realmente, criam uma ilusão que será a verdade da mente.